

Trabalho de Conclusão de Curso

Os Imigrantes Poloneses no Brasil e a reconquista da Independência da Polônia

PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS: SOCIOLOGIA,
HISTÓRIA E FILOSOFIA

ALUNO: Gerson Cesar Souza

ORIENTADOR: Adroaldo Lazzarotto

1. SUMÁRIO

1. SUMÁRIO	2
2. TÍTULO, RESUMO E ABSTRACT.....	3
3. INTRODUÇÃO	5
4. DESENVOLVIMENTO	8
4.1 O desejo de um “Polônia Livre” no contexto da imigração para o Brasil	8
4.2 O posicionamento do Brasil e o embate da Comunidade Polonesa.....	11
4.3 A organização das sociedades polonesas pró-independência.....	13
4.4 Os poloneses do Brasil vão à guerra.....	17
5. CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

2. TÍTULO, RESUMO E ABSTRACT

2.1 Título: Os Imigrantes Poloneses no Brasil e a reconquista da Independência da Polônia

2.2 Resumo

Durante a Primeira Guerra Mundial os poloneses enxergam a possibilidade de reconquistar a independência e a autonomia da Polônia. No Brasil, as comunidades de imigrantes poloneses e seus descendentes se organizam para influenciar o governo brasileiro e a sociedade a apoiarem a causa da Polônia Livre. Em um primeiro momento, as próprias organizações polonesas se mostram divididas quanto ao apoio à Alemanha ou à Rússia. Mas quando o Brasil rompe as relações com a Alemanha, a decisão de apoio aos Aliados também é validada pela comunidade polonesa local. A partir deste momento, as organizações polonesas buscam levantar recursos financeiros e humanos para apoiar os exércitos que lutam no front pela independência da Polônia. Estes fatos históricos são abordados no presente trabalho, cujo objetivo geral é resgatar a atuação da comunidade polono-brasileira no processo de reconquista da independência da Polônia. A metodologia para realização da pesquisa consistiu na consulta de jornais e periódicos das duas primeiras décadas do século XX, registrando e analisando as reportagens publicadas sobre o tema e criando uma sequência lógica para a descrição dos fatos.

Palavras Chaves: imigração polonesa, Primeira Guerra Mundial, independência da Polônia, história.

2.3 Abstract

During World War I, the Poles saw the possibility of regaining Poland's independence and autonomy. In Brazil, communities of Polish immigrants and their descendants organize themselves to influence the Brazilian government and society to support the cause of Free Poland. At first, local Polish organizations were divided between supporting Germany or Russia. But when Brazil breaks off relations with Germany, the decision to support the Allies is also validated by the local Polish community. From this moment onwards, Polish organizations seek to raise financial and human resources to support the armies fighting on the front lines for Polish independence. These historical facts are addressed in the present essay, which has the general objective of rescuing the performance of the Polish-Brazilian community in the process of reconquest of Polish independence. The methodology of this research consisted of consulting newspapers and periodicals from the first two decades of the twentieth century, recording and analyzing the published reports on the subject and creating a logical sequence for the facts' description.

Keywords: Polish immigration, World War I, Polish independence, history.

3. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como tema *a atuação dos imigrantes poloneses no Brasil frente ao processo de reconquista da independência da Polônia*.

Para a presente pesquisa foi formulado o problema: *de que forma os imigrantes poloneses radicados no Brasil e seus descendentes acompanharam e reagiram à luta pela reconquista da independência da Polônia, ocorrida em 1918?*. A hipótese inicial elaborada pelo autor é que, mesmo distantes de sua terra natal, e mesmo a Polônia tendo perdido a condição de nação há mais de um século, os imigrantes e seus descendentes mantiveram o amor pela pátria e se empenharam em contribuir para a reconquista da independência polonesa.

O objetivo geral do trabalho é resgatar a atuação da comunidade polono-brasileira durante a Primeira Guerra Mundial, quando foi vislumbrada a possibilidade de retomada da autonomia da Polônia como nação. Como objetivos específicos pretendemos: (1) registrar os posicionamentos dos imigrantes poloneses quanto ao apoio às nações que combatiam na Primeira Guerra, visando obter a garantia da independência polonesa; (2) elencar as ações tomadas pela comunidade polono-brasileira para dar suporte material e humano ao processo de independência da Polônia e (3) indicar, via referencial bibliográfico, as principais fontes da época que registraram a ação da comunidade de imigrantes na luta pela Polônia restituída.

A metodologia para realização da pesquisa consistirá na consulta de jornais e periódicos das duas primeiras décadas do século XX, registrando e analisando as reportagens publicadas sobre o tema e criando uma sequência lógica para a evolução dos fatos.

O desenvolvimento do trabalho se dará em quatro etapas distintas, cada uma trazendo a base do referencial teórico e apresentando os resultados da pesquisa.

Primeiramente será abordado o anseio da “Polônia livre”, mostrando o contexto vivido pelos imigrantes desde a vinda para o Brasil, a situação da

Polônia após as partilhas e a perda da independência. Nesta etapa buscaremos a referência bibliográfica em historiadores como o gaúcho Voltaire Schilling, além de autores poloneses como Zdzislaw Malczewski (doutor em História pela Universidade Adam Mickiewicz, de Poznan) e Jakub Skiba (historiador e embaixador da Polônia no Brasil).

Na segunda parte do desenvolvimento deste trabalho falaremos sobre o posicionamento do Brasil durante a Primeira Guerra Mundial, e sobre o embate que tomou conta da comunidade polonesa no Brasil neste momento histórico. Faremos essa caminhada apoiados por autores brasileiros como Carlos Daróz e Francisco Luiz Teixeira Vinhossa, além de textos dos poloneses Kazmierz Gluchowski (primeiro Cônsul polonês no Brasil) e Jerzy Mazurek (Doutor em História e professor da Universidade de Varsóvia).

A terceira etapa do desenvolvimento tratará da organização das sociedades polonesas no Brasil e das ações públicas realizadas pelas mesmas para apoiar a luta pela independência da Polônia. Teremos como base bibliográfica textos dos poloneses Zdzislaw Malczewski (já citado) e Krzysztof Smolana (professor-doutor da Universidade de Varsóvia).

Na quarta e última parte deste trabalho, abordaremos a participação dos imigrantes na formação de exércitos que combateram em defesa da Polônia Livre, e a reação da comunidade de imigrantes após a reconquista da independência da Polônia. Nesta etapa voltaremos a buscar referencial teórico em autores já citados, como Mazurek e Smolana.

A relevância da presente pesquisa está no fato de que ela aborda o tema escolhido sob um ponto de vista distinto dos poucos autores que já se dedicaram ao assunto. A atuação dos imigrantes poloneses no processo de reconquista de independência da Polônia foi abordada pela primeira vez em um livro (ainda que superficialmente) em poucas páginas do *“Wśród pionierów polskich na antypodach: Materjaly do problemu osadnictwa polskiego w Brazylji”*, de 1927, de Kazimierz Gluchowski (republicado como “Os poloneses no Brasil” em 2005). Publicações dos doutores em história Zdzislaw Malczewski (*“A Comunidade Polônica Brasileira e a Independência da Polônia”* e *“Tributo dos poloneses à Águia de Haia no 90º aniversário da morte de Rui Barbosa”*) e Krzysztof Smolana (*“90 lat historii najstarszej polskiej placówki konsularnej w Ameryce Łacińskiej”*) também abordaram parte da organização das

comunidades polonesas durante a Primeira Guerra Mundial. Talvez o mais completo artigo sobre o tema seja “*O Brasil e a independência da Polônia em 1918*”, publicado em 2017 por Jerzy Mazurek. Mas cabe destacar que todos os autores anteriormente citados são pesquisadores poloneses e, mesmo o importante artigo do dr. Mazurek, tem como base de pesquisa documentos poloneses e jornais publicados em polonês, à época. Dentre os pesquisadores brasileiros, podemos citar o artigo “*Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul e a I Guerra Mundial*” de Rhuan Zaleski Trindade e Adriano Malikoski, que teve foco na comunidade polonesa gaúcha e na análise do relatório ‘A Missão Polaca’, gerado pelo professor Chmielewski durante visitas às comunidades polonesas do Rio Grande do Sul, nos anos finais da Grande Guerra.

Na presente pesquisa, nossa fonte de consulta são os jornais brasileiros das duas primeiras décadas do século XX, trazendo um resgate que ainda não havia sido realizado, e mostrando detalhes da atuação da comunidade polono-brasileira que não encontramos em trabalhos acadêmicos até o momento.

Esperamos que a presente pesquisa possa também contribuir para aumentar o sentimento de ligação dos descendentes de poloneses com a terra natal de seus antepassados que migraram para o nosso país, e que também seja mais um registro para reforçar a união histórica entre o Brasil e a Polônia.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1 O desejo de um “Polônia Livre” no contexto da imigração para o Brasil

A Polônia havia perdido sua condição de nação independente durante o século XVIII, quando teve seu território partilhado entre as nações vizinhas. A Terceira Partilha, ocorrida em 1795, consolidou a divisão das terras polonesas entre a Prússia (que se tornaria o Império Alemão), Áustria e Rússia. Na tentativa de recuperar a independência, líderes poloneses organizaram insurreições e levantes durante o século XIX, sendo os mais relevantes a insurreição de Varsóvia, de 1830, a Primavera dos Povos, de 1848 e o Levante de Janeiro, em 1863 (SCHILLING, 2004, p.17-19). A primeira ligação do Brasil com a reconquista da Independência da Polônia ocorre em 1831, quando Dom Pedro I assiste, num teatro de Paris, uma apresentação sobre os insurgentes de 1830, e brada: “*Vive la Pologne!*” (SKIBA, 2021, p.3). Mas mesmo contando com a simpatia de várias nações do mundo, todos esses movimentos foram fortemente esmagados pelos impérios que dominavam a Polônia, e os líderes das insurreições foram assassinados ou deportados.

Para o povo mais simples, na maioria camponeses, as consequências da dominação estrangeira eram sentidas no dia-a-dia. As nações dominantes “*promoviam uma sistemática política de desnacionalização (russificação ou germanização), incluindo a proibição aos poloneses do uso da sua própria língua*” (MALCZEWSKI e SIUDA-AMBROZIAK, 2013, p.15). Também restringiam a prática da religião católica, principalmente nas áreas sob domínios alemão (de confissão protestante) e russo (com religião Ortodoxa). No jornal gaúcho A Federação, o advogado e professor Miguel Chmielewski comentou essas práticas das nações opressoras:

A Rússia oprimia-os, cada vez mais, deportando-os para a Sibéria, enterrando-os vivos ali nas minas (...). A Prússia igualmente os martirizava, proibindo o ensino e mesmo o uso da língua dos seus antepassados. (CHMIELEWSKI, 27 de abril de 1917, p.2)

Somaram-se a essas opressões os surtos de doenças e a fome que se espalhou pela Europa no século XIX. Este momento em que “*a Polônia vivia grave crise econômica, política e social, (...) obrigou milhares de indivíduos a migrar para o Novo Mundo*” (WENCZENOVICZ, p.135, 2020).

O primeiro marco da imigração polonesa para o Brasil ocorreu em 1869, com a chegada do vapor Victoria, trazendo 64 imigrantes (GLUCHOWSKI, 2005 p.29). Mas é a partir de 1890 que ocorre a intitulada “*gorączka brazylijska*” ou febre brasileira (GRONIOWSKI, 1967, p.317), na qual grandes levas de imigrantes poloneses chegam ao Brasil, se estabelecendo principalmente nos estados do Sul. Muitos destes imigrantes, ao entrarem em nosso país, foram registrados como russos, austríacos ou alemães. Mas apesar desta “descaracterização oficial”, eles sempre se identificaram como poloneses, preservando os costumes, a religiosidade e a língua.

Por mais que 94% dos imigrantes poloneses nesta fase fossem camponeses, operários e artífices (WACHOWICZ, 2002. p.19-20), o Brasil também recebeu lideranças com experiência militar. Um exemplo disso foi, nos primeiros anos da imigração, a formação no Paraná do “Batalhão Polaco” que lutou ao lado dos Maragatos durante a Revolução Federalista de 1893 (SOUZA, 2016, p.96 e 98), contando com o padre polonês Ladislau Smolucha (que havia participado do Levante de Varsóvia de 1863) e com o professor de matemática polonês Jan Kosmiński (coronel do exército austríaco, que havia sido preso por agitação ao defender a independência da Polônia).

Ainda no final do século XIX, quando os imigrantes organizaram as primeiras sociedades polonesas, o sonho da Polônia livre e independente passou a ser manifestado abertamente. Em 03 de maio de 1898 houve a primeira assembleia de entidades polonesas em Curitiba, congregando sociedades dos estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul (KACZMAREK, 1971, p.215). Neste evento foi discutida a questão do renascimento da Polônia e, entre as correspondências lidas, uma citava como objetivo da assembleia “*a restauração de uma terra (...) livre, independente e popular*” (SZCZERBIŃSKI, 2013, p.59).

Essas sociedades mantiveram contato permanente com organizações na Polônia que conservavam acesa a chama da independência. Intelectuais poloneses que representavam essas organizações visitaram rotineiramente as

colônias brasileiras, em reuniões, eventos e solenidades onde ecoava a saudação: “*Viva a Polônia una e íntegra!*” (A REPÚBLICA, 10 de janeiro de 1908, p.1). Essa proximidade era tão clara que o Tesouro Nacional Polonês, órgão criado para arrecadar fundos para a libertação da Polônia, foi instituído na Suíça em 1892 e, já em 1893, recebia apoio e recursos da sociedade de tiro Kazimierz Pułaski, no interior do Paraná (MAZUREK, 2016, p.227-228).

Esse anseio dos imigrantes poloneses começou a sair do círculo fechado das entidades polacas, e passou a invadir os espaços da sociedade brasileira, ecoando na imprensa da época. Em 1906, o Diário da Tarde de Curitiba publicava um manifesto de imigrantes no qual era ressaltado o desejo da independência da Polônia:

O povo polaco até bem pouco tempo jazia inerte (...) Hoje é o povo que enceta a sua história! A Polônia, apesar de dividida entre três potências, estremece pelo desejo de viver uma vida política própria e independente. (KAMINSKI, 1906, p.1)

Eventos culturais também se tornavam oportunidade para defender a bandeira da Polônia Livre. Em 1910, o Jornal do Commercio do Rio de Janeiro noticiava a apresentação de uma peça teatral na qual um profeta prenunciava a Polônia independente (JORNAL DO COMMERCIO, 18 de julho de 1910, p.1). Dois anos depois, o mesmo jornal, ao registrar o imigrante polonês integrado à nação brasileira, citava o anseio pela liberdade de sua terra natal e a arrecadação de fundos para esse fim:

Quem vê o imigrante polaco (...) tem a impressão nítida, perfeita, de que ele fez do Brasil a sua pátria adotiva. Mas (...) essa gente trabalhadora e honesta não esquece de concorrer para ver transformada em realidade essa velha aspiração, esse seu grande sonho, que é a independência da Polônia. (JORNAL DO COMMERCIO, 20 de março de 1912, p. 4).

Esses imigrantes, que trouxeram para o Brasil nos sacos de viagem o sonho da Polônia independente, veriam a esperança aumentada com o início da Primeira Guerra Mundial, pois neste conflito os Impérios Centrais (Alemanha e Áustria) passaram a enfrentar a Rússia. Era a primeira vez que as nações dominantes ficavam em lados opostos, e isso fornecia uma oportunidade única para o ressurgimento da nação polonesa.

4.2 O posicionamento do Brasil e o embate da Comunidade Polonesa

Com o início da Grande Guerra, as sociedades de imigrantes conseguiram atrair alguns políticos e intelectuais brasileiros para a causa da Polônia Livre. O mais empenhado de todos foi certamente Ruy Barbosa, que em 1907, durante a II Conferência da Paz em Haia, na Holanda, já havia defendido o princípio da igualdade dos Estados. No dia 28 de outubro de 1914, Ruy Barbosa (então presidente da Academia Brasileira de Letras e do Instituto dos Advogados do Brasil) faz um pronunciamento público sobre a Guerra Mundial, afirmando: “*a Polônia partilhada se levantará, devolvida à vida na luta contra os seus carrascos*” (MALCZEWSKI e SIUDA-AMBROZIAK, 2013, p.8). O mesmo Ruy Barbosa criticaria o governo brasileiro por adotar, nos anos iniciais do conflito, a postura de neutralidade (VINHOSA, 1990, p.34-36).

A comunidade de imigrantes poloneses no Brasil definitivamente não defendia a neutralidade, mas tinha dificuldade de decidir qual lado apoiar. Apoiar os aliados significava ficar ao lado da Rússia, que esmagou os levantes poloneses e deportou seus líderes para a Sibéria. Apoiar as Potências Centrais significava defender a Alemanha, que provocou migrações forçadas e a desnacionalização dos poloneses. O Diário da Tarde registrou a dúvida dos imigrantes em setembro de 1914:

Enquanto as três nações (...) eram ligadas pela Santa Aliança para nos aniquilar, pouca esperança existia de livrarmos nossa nação da escravidão. Mas no momento em que essa aliança começou a desaparecer, quando se tornou público que a guerra entre a Áustria e a Rússia era inevitável, surgiu a pergunta: que atitude devem assumir os poloneses? (DIÁRIO DA TARDE, 19 de setembro de 1914, p.1).

Esta questão levantada por membros da colônia polonesa em 1914 levaria três anos para ser resolvida. Três anos nos quais uma guerra particular eclodiria entre seus líderes e entre os veículos de comunicação poloneses publicados em solo brasileiro. O jornal *Gazeta Polska w Brazylii*, sob a liderança do padre Stanislaw Trzebiatowski, abraçou a ideia de apoio aos alemães, no que seria seguido pelo jornal *Pobudka*. Já o jornal *Polak w Brazylii*, do jornalista e comerciante Casimiro Warchalowski, era favorável ao apoio aos aliados (GLUCHOWSKI, 2005, p. 225-226).

A polarização se acirrou e os dois lados passaram a usar seus jornais

para acusar o “outro lado” de gerar desinformação. Ofensas como “germanófilo” e “russófilo” tomaram as páginas de jornais e chegaram às comunidades, muitas vezes evoluindo para agressões físicas, como no caso em que o próprio Warchalowski surrou o padre Trzebiatowski atrás da igreja paroquial (MAZUREK, 2017, p.154).

A colônia polonesa no Rio de Janeiro, partidária das ideias de Warchalowski, resolveu nomear Ruy Barbosa como “patrono da Polônia”, solicitando que o mesmo defendesse a independência do país durante a guerra. Mas como Ruy Barbosa era simpático aos aliados, e sua escolha acabou rechaçada por imigrantes que não concordavam com o apoio à Rússia. O jornal paranaense *A República* registrou a manifestação do doutor Simão Kossobudzki dizendo que “*a colônia polaca (...) é contrária a essa escolha pelo fato de ser o conselheiro Ruy Barbosa um aliadófilo*” (*A REPÚBLICA*, 24 de outubro de 1916, p.1).

A partir desta discussão, as ofensas que se restringiam aos jornais poloneses, tomaram a imprensa escrita em língua portuguesa. O grupo de Warchalowski usou o jornal *A República* para chamar o padre Trzebiatowski de alemão e criticar os “*os sentimentos germanófilos*” de seus aliados (WARCHALOWSKI, 1917, p.3). Em resposta, o grupo do padre e de Simão Kossobudzki publicou um manifesto, chamando o *Polak w Brazylii* de “*jornaleco*” e acusando Warchalowski de ter virado “*de sábado para domingo russófilo*” (*A REPÚBLICA*, 08 de maio de 1917, p.3). Como afirmou o Cônsul Gluchowski: “*A partir deste momento até a recuperação da independência, a luta travada na imprensa será a respeito de ideologia*” (GLUCHOWSKI, 2005, p. 227).

No início de novembro de 1916 os Impérios Centrais lançaram uma declaração prometendo uma independência parcial de territórios poloneses, caso vencessem a guerra. Esse anúncio ecoou em comunidades de imigrantes que eram contra o domínio russo. O jornal *Diário*, de Porto Alegre, registrou no dia 28 de novembro um agradecimento feito pela “*Liga Polaca*” ao Cônsul da Alemanha na capital Gaúcha (CHMIELEWSKI, 1918, p.9-10). Quatro dias depois, o jornal *A Federação* publicava um protesto da colônia polaca onde se dizia que o “*agradecimento*” era iniciativa de apenas quatro pessoas, “*não sendo autorizados pela maioria absoluta dos polacos aqui residentes*” (*A FEDERAÇÃO*, 02 de dezembro de 1916, p.4).

Em março de 1917 seria a vez da Rússia declarar que reconheceria a Polônia independente ao final da guerra, posição que já havia sido tomada pelos demais países aliados. Na cidade do Rio de Janeiro, onde a colônia polaca também estava dividida entre apoio aos Aliados ou aos Impérios Centrais, o Semanário Fon Fon publicou uma análise das promessas de independência da Polônia feitas pelos dois lados do conflito, concluindo com a frase: “*Aos Polacos resta escolher!*” (SEMANÁRIO FON FON, ed.28, p.11).

A discussão sobre quem deveria ganhar o apoio dos poloneses teria um desfecho inesperado. No dia 03 de abril de 1917 o Gazeta Polska w Brazylji publicou um artigo de Adão Wisniewski defendendo os impérios alemão e austro-húngaro na guerra. Porém, enquanto o jornal chegava aos leitores, a Alemanha torpedeava o navio Paraná, afundando sem aviso o cargueiro brasileiro. Isso levaria o Brasil a romper relações diplomáticas com a Alemanha. Também levaria a protestos em frente à sede do Gazeta Polska, e à suspensão do jornal “*por razões germanófilas*” (DIÁRIO DA TARDE, 15 de agosto de 1918 p.3). O jornal curitibano A República publicaria uma declaração do padre Trzebiatowski, dono do Gazeta Polska w Brazylji, abandonando a posição pró-Alemanha: “*logo que nosso governo rompeu as relações com a Alemanha, pusemos de lado todos os nossos afetos*”. (TRZEBIATOWSKI, 24 de abril de 1917, p.1).

O rompimento dos laços democráticos com a Alemanha, por parte do governo brasileiro, ainda não significava o fim da neutralidade do Brasil na guerra. Isso só ocorreria após mais dois navios brasileiros (o Tijuca e o Lapa) serem afundados por submarinos alemães em maio de 1917. Mas o reconhecimento de estado de guerra com a Alemanha só se daria em outubro, após outro cargueiro brasileiro, o Macau, ser torpedeado e afundado pelos alemães (DARÓZ, 2021, p. 93-100).

Esses fatos seriam determinantes para que a colônia polaca no Brasil apoiasse, em definitivo e em sua totalidade, os países aliados, colocando em suas mãos a esperança da Independência da Polônia.

4.3 A organização das sociedades polonesas pró-independência

Desde que o conflito na Europa começou a se desenhar, os poloneses no

Brasil se preocuparam em montar sociedades para arrecadar fundos em apoio aos seus conterrâneos que sofreriam com a guerra, com a fome e com as consequências decorrentes da conflagração. Em 02 de março de 1913 foi fundado o Comitê de Defesa Nacional por “*delegados de sete sociedades de Curitiba e das colônias. (...) No dia 07 de abril do mesmo ano surge em Ponta Grossa a Comissão Militar Polonesa do Paraná*”. (GLUCHOWSKI, 2005, p.147).

Em junho de 1915 “*cria-se em Curitiba o Comitê de Socorro à Polônia; em junho de 1916, o Comitê de Ajuda aos famintos na Polônia, em Porto Alegre*” (GLUCHOWSKI, 2005, p.148). Essa mobilização da comunidade polonesa paranaense e gaúcha também ecoaria na capital federal. E foi exatamente no Rio de Janeiro que, em junho de 1917, surgiram as primeiras discussões para criar uma organização nacional dos poloneses (SMOLANA, 2010, p.47). Essas discussões resultariam na realização, em 08 de julho de 1917, de uma grande “*assembleia geral dos poloneses, da qual participaram 150 pessoas. Durante esse encontro ocorreu a criação do Comitê Nacional Polonês*” (MALCZEWSKI, 2018, p. 60).

Quando o grande embate da comunidade polonesa se definiu a favor dos aliados, ficou clara a liderança de Warchalowski, que tinha contato com os poloneses que lideravam a resistência na França. E foi sob a coordenação de Warchalowski que representantes das colônias polonesas criaram o Comitê Polonês Central “*escolhido na Assembleia de Curitiba, no dia 16 de dezembro de 1917, cuja presidência coube a C. Warchalowski*” (GLUCHOWSKI, 2005, p.148). “*Em pouco tempo o Comitê já possuía delegacias em 15 colônias no Estado do Paraná*” (SMOLANA, 2010, p.47).

Podemos considerar que estes comitês e sociedades contribuíram com a reconquista da independência da Polônia através de três tipos de atividades: 1) levantamento de fundos para financiar os exércitos que lutavam pela independência; 2) realização de eventos de divulgação da causa polonesa, angariando a simpatia da sociedade brasileira; 3) sensibilização de autoridades brasileiras para se tornarem aliados da causa da Polônia livre.

Em todas as colônias polonesas, imigrantes dedicavam parte da sua renda para engrossar as listas de arrecadação para o Tesouro Militar e para auxiliar no combate à fome na Polônia. Os jornais poloneses publicavam a

relação dos contribuintes e os valores doados (GAZETA POLSKA, 1914, p.3).

Além das listas e coletas, festas e quermesses tinham a finalidade de levantar fundos para a causa polaca. Um dos mais notórios exemplos aconteceu ainda em 1914, quando foi realizada em Curitiba uma grande *“quermesse promovida pela seção de senhoras da Comissão Militar polonesa, em prol da independência da Polônia”* (A REPÚBLICA, 10 de outubro de 1914, p.2), conseguindo apoio e patrocínio de mais de setenta empresas locais.

Em Porto Alegre os jornais também noticiavam as ações da comunidade polonesa local. Em abril de 1916, o A Federação noticiava a criação de uma comissão para realizar *“festas em prol de seus patrícios polacos”* (A FEDERAÇÃO, 22 de abril de 1916, p.6). No mês seguinte o mesmo periódico noticiava um Grande Festival pró-Polônia que teria ocorrido no dia 11 de maio de 1916, no Theatro São Pedro (A FEDERAÇÃO, 12 de maio de 1916, p.7).

Os recursos obtidos pelos poloneses no Brasil eram recebidos na Europa por ninguém menos do que Henryk Sienkiewicz, escritor polonês, vencedor do Prêmio Nobel de literatura em 1905. Malczewski (2018) registra que a Sociedade de Assistência e Cultura do Rio de Janeiro, em 1916, já enviava os recursos de coletas para ajuda à Polônia, e *“obteve um recibo assinado por Henryk Sienkiewicz”* complementado com a afirmação de que a *“coleta de dinheiro promovida por essa organização perdurou durante todo o período da I Guerra Mundial”* (MALCZEWSKI, 2018, p. 59). Sienkiewicz, que morreu antes do final da guerra, era citado pelos imigrantes poloneses do Brasil ao prestarem conta das coletas, mostrando a credibilidade da arrecadação:

“(...) a arrecadada quantia (...) foi enviada pelo Sr. Walenty Gosik e depositada em 7/06/1915 no banco “The London&River Plate Bank Limited” para Henryk Sienkiewicz, Presidente do Comitê Nacional Central na Suíça para as vítimas polonesas atingidas pela guerra” (GAZETA POLSKA, 28 de julho de 1915, p.2).

Tão importante quanto levantar recursos era obter apoio da população e das autoridades brasileiras. Esse processo foi mais facilitado após abril de 1917, quando o Brasil rompeu relações diplomáticas com a Alemanha. O país ainda não havia decidido entrar na guerra, mas já não era mais um país neutro, e isso permitia manifestações públicas. Em 15 de abril de 1917 foi realizado um comício com cerca de 20 mil pessoas em Curitiba em protesto ao bombardeio de navios brasileiros pela Alemanha. Na presença do Presidente do Estado,

foram hasteadas as bandeiras dos países aliados. Os poloneses brasileiros usaram este momento estratégico para divulgar a causa da Polônia livre:

Levantando-a então, o presidente da comissão organizadora ergueu um “Viva a Polônia ressurgida!”, entusiasticamente correspondido. E quando o acadêmico Rubens Assunção colocou o pavilhão polaco entre os demais, o povo prorrompeu numa delirante aclamação ao povo mártir” (A REPÚBLICA, 16 de abril de 1917, p.1).

No dia 29 de abril de 1917 a comunidade polonesa em Curitiba fez nova manifestação de força. Um grande desfile saiu da Sociedade Tadeusz Kosciuszko até a praça Tiradentes, onde centenas de poloneses aguardavam. Após discursos pela libertação da Polônia, os imigrantes, portando as bandeiras polaca e brasileira, se deslocaram até a residência do presidente do estado. Affonso Camargo recebeu com simpatia os poloneses, ouviu o manifesto da colônia lido por Casemiro Warchalowski, e depois discursou, defendendo a independência da Polônia e encerrando com a frase: “*que a bandeira brasileira beije o pavilhão polaco*” (A REPÚBLICA, 30 de abril de 1917, p.2).

Na mesma semana, aproveitando a festa de 03 de maio, na qual se celebrava o aniversário do descobrimento Brasil, os poloneses voltaram às ruas para lembrar da Constituição de 03 de maio e discursar pela independência da Polônia (A REPÚBLICA, 03 de maio de 1917, p.2). Fatos como esse ocorreram também em outros estados, como em São Paulo, onde foi feita a Consagração da Bandeira Polaca, em uma missa na igreja do Convento do Carmo (JORNAL DO COMMERCIO, 26 de novembro de 1917, p.2).

A “pressão” dos poloneses brasileiros sobre as autoridades, por meio de telegramas, manifestos e discursos, angariou vários defensores da causa polonesa. Além de Ruy Barbosa, cuja luta pela independência da Polônia mereceu publicações específicas (MALCZEWSKI e SIUDA-AMBROZIAK, 2013), cabe destacar também Nilo Peçanha, que “*desempenhou um importante papel nos contatos diplomáticos em favor de uma Polônia livre*” (MALCZEWSKI, 2013, p.149) e inclusive citou em carta ao papa Bento XV “*a necessidade de restituir a liberdade da Polônia*” (SMOLANA, 2010, p.47).

Aglomerar autoridades em torno da bandeira polonesa também era uma estratégia da comunidade polaca para reforçar o apoio à independência da

Polônia. No dia 31 de agosto de 1918, Warchalowski efetuou o hasteamento da bandeira polonesa na sede do Comitê Central Polaco, contando com a presença de Nilo Peçanha (Ministro das Relações Exteriores), Raul Regis de Oliveira (subsecretário de Relações Exteriores), além de ministros da França e da Bélgica, de cônsules da Inglaterra, dos Estados Unidos, de Portugal, da França e da Rússia, e outras autoridades (REVISTA DA SEMANA, 07 de setembro de 1918, p.21).

4.4 Os poloneses do Brasil vão à guerra

Neste mesmo período, os aliados decidiram criar um exército exclusivamente polonês, que combateria sob a bandeira polaca. Conforme decreto de criação, caberia ao governo francês reunir esses soldados, incluindo poloneses dispersos pelos vários países do mundo (CORREIO PAULISTANO, 23 de julho de 1917, 3).

Em setembro de 1917 chegou ao Brasil o Tenente Henrik Abczynski para encontrar-se com as organizações polonesas locais. Segundo relatório do Ministério de Relações Exteriores, “*o fim especial dessas organizações é o recrutamento de polacos*” (PEÇANHA, 1920, p.224).

Abczynski encontrou-se com Nilo Peçanha e Rui Barbosa no Rio e fez palestra para a colônia polaca na capital federal, incentivando imigrantes a aderirem ao exército que ele comandava, na França. No começo de outubro, Abczynski foi para o São Paulo, onde realizou uma conferência para os imigrantes no dia 07 (CORREIO PAULISTANO, 03 de outubro de 1917, p.3). Depois foi para o Paraná e Rio Grande do Sul, onde se embrenhou, na companhia de Warchalowski, em cada colônia polaca existente nos meses seguintes, recrutando soldados e arrancando lágrimas dos imigrantes ao falar sobre a independência da Polônia (A REPÚBLICA, 17 de outubro de 1917, p.1-2). Este processo foi tão marcante que o livro “Independence Day”, que narra a criação da Polônia moderna, abre seu primeiro capítulo com a frase: “*Henrik Abczynski caminhou pelas selvas fumegantes do Paraná, no Brasil*” (BISKUPSKI, 2012, p.1).

No Rio Grande do Sul, além do grande comício em Porto Alegre no dia 10 de fevereiro de 1918, Abczynski e Warchalowski foram novamente realizar

o trabalho de recrutamento nas colônias do interior. Chmielewski registra pelo menos nove comícios realizados pela dupla em cerca de um mês nas colônias do interior (CHMIELEWSKI, 1918, p. 25). TRINDADE e MALIKOSKI (2018), ao analisarem o discurso de Abczyński, citam que ele destacava que a vitória dos aliados “*libertaria a Polônia, com o esforço, mais que apenas de legiões, mas do exército polaco*”, reforçando a importância do recrutamento de voluntários.

E o trabalho do tenente polonês daria resultados. No final de 1917 o jornal O Imparcial, do Rio de Janeiro, estamparia: “*Os polacos, residentes no Paraná, querem ir para a guerra*” (O IMPARCIAL, 20 de dezembro de 1917, p.3), comentando que 100 poloneses já haviam solicitado ao ministro de Relações Exteriores o salvo-conduto para ir para a guerra, e que o Presidente da República já havia autorizado. No dia 19 de janeiro de 1918 a cidade de Curitiba assistia “*o desfile dos primeiros patriotas poloneses que (...) partiram para o front francês (...) combater pela liberdade da heroica e infortunada Polônia*” (A REPÚBLICA, 21 de janeiro de 1918, p.1).

Liderados pelo tenente Jorge Warchalowski, os 42 soldados viajaram a bordo do vapor Itatinga até o Rio de Janeiro, onde foram saudados “*por grande número de membros da colônia polaca, (...) o ministro e o cônsul francês*” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 29 de janeiro de 1918, p.3). No dia 28 de janeiro o primeiro contingente dos chamados “Voluntários do Sul” (A RUA, 26 de janeiro de 1918) embarcava no paquete francês Malte e partia para a guerra. Os jornais do centro do país cobriram o evento, estampando fotos do tenente Jorge Warchalowski. Quanto a este primeiro grupo, cabe destacar que há divergências sobre o quantitativo. O Jornal do Brasil (27 de janeiro de 1918, p.6) falava em 51 voluntários que chegaram ao Rio. A Gazeta de Notícias (29 de janeiro de 1918, p.3) cita 42 voluntários embarcando para a Europa. MAZUREK (2017), baseado no jornal Polak w Brazylii de 22 de janeiro de 1918, cita um número de 45 voluntários).

O segundo grupo, composto de sete voluntários, partiu de Curitiba em 14 de fevereiro de 1918 (MAZUREK, 2017, p.158). No final de março seria a vez do terceiro contingente, que partiria para a Europa a bordo do navio Samara. Este grupo era composto por 22 soldados provenientes do Rio Grande do Sul, e foram acompanhados pelo sargento Borecki e pelo tenente Abczynski, que encerrava sua missão e voltava para os campos de batalha (O IMPARCIAL, 31

de março de 1918, p. 5). O jornal curitibano Diário da Tarde registrou os nomes dos membros deste contingente (DIÁRIO DA TARDE, 29 de março de 1918, p.1).

No dia 12 de abril, o quarto contingente dos Voluntários do Sul partia para o front (CORREIO DO POVO, 14 de dezembro de 1919, p.4). O jornal A Federação registrou o nome dos dezoito voluntários que partiam de Porto Alegre, citando que eles iriam para o front “*em companhia de mais de 300 patrícios seus, procedentes de diferentes pontos do Brasil*”. Eles levavam uma bandeira polonesa que ficou exposta por vários dias na cidade, assim descrita:

(...) todo de seda encarnada escura, ostentando ao centro, bordada de seda, uma águia branca - insígnia da Polónia - circundada por dois ramos de louro, bordados também de seda. Da haste pendem duas fitas encarnadas com os seguintes dizeres: "Colônia Polska Porto Alegre - Ochotnikon - R.G. do Sul." (CORREIO DO POVO, 10 de abril de 1918, p.4)

A foto deste quarto contingente com a bandeira polonesa descrita acima foi publicada por Adriano Malikoski na dissertação de mestrado Escolas Étnicas dos Imigrantes Poloneses no Rio Grande do Sul (MALIKOSKI, 2014, p.160). Fotos de outros contingentes de voluntários foram publicadas também em revistas do Rio de Janeiro (REVISTA DA SEMANA, 06 de abril de 1918, p.19) e do Rio Grande do Sul (MÁSCARA, ano 1, número 10, 1918, p.23).

É difícil afirmar com certeza quantos contingentes de imigrantes foram enviados para a Guerra. Há registro de um grupo de poloneses do Rio de Janeiro, que teria partido para o front ainda antes do primeiro contingente dos Voluntários do Sul (A REPÚBLICA, 17 de outubro de 1917, p.2). Jerzy Mazurek cita que 10 voluntários do Rio de Janeiro e dois de São Paulo partiram entre outubro de 1917 e fevereiro de 1918, e mais cinco contingentes provenientes do Sul (MAZUREK, 2017, p. 157-160). Smolana afirma que “*de 300 a 500 voluntários do Brasil partiram para a Europa e ingressaram no Exército Polonês*” (SMOLANA, 2010, p.47)

Também não é fácil precisar o que ocorreu com todos estes soldados durante a Grande Guerra. Alguns “*foram condecorados com medalhas de mérito militar, tendo tomado parte em campanhas nas frentes da Champagne, Leberg, Volynia e Pomerania*” (CORREIO DE POVO, 15 de julho de 1920, p. 4), mas muitos perderam sua vida. Dos mais de quarenta voluntários que

integraram o primeiro contingente, vinte e um apenas voltaram para casa (DIÁRIO DA TARDE, 23 de junho de 1920, p.2).

No dia 11 de novembro de 1918, ainda no front, os voluntários foram informados que a guerra havia acabado. A comunidade polonesa no Brasil festejou o fim da guerra e a independência da Polônia. Quando todos os soldados iniciaram o retorno para casa, os voluntários poloneses brasileiros decidiram acompanhar o seu exército e entrar na Polônia, antes de regressar ao Brasil. O Diário da Tarde de Curitiba registrou o relato do voluntário Vladislau Gluzinski, integrante do primeiro contingente dos Voluntários do Sul, sobre a entrada na Polônia:

Indescritível era o nosso entusiasmo e alegria ao chegarmos à Polônia heroica. O comboio foi até Varsóvia onde a população aguardava, cobrindo-os de flores e aclamando-os. Eu, bastante comovido, tive o maior contentamento da minha vida, por ver que também me esforcei pela causa polaca, e voltava vitorioso à terra natal. (...) Como é belo viver pela pátria e por ela se bater com abnegação e bravura. Bendita a Polônia querida, que me deu a ventura suprema de lutar pela sua honra e integridade. (DIÁRIO DA TARDE, 23 de junho de 1920, p.2).

Do outro lado do oceano, aqui no Brasil, a comunidade polonesa começou a comemorar a Polônia independente já no mês de agosto, quando em “17 de agosto de 1918 (...) o Ministro das Relações Exteriores do Brasil anunciou oficialmente que o Brasil reconhecia a Polônia independente e unida” (MAZUREK, 2017, p.159). Os jornais brasileiros passaram a publicar telegramas das comunidades polacas de todos os cantos do país, cumprimentando o governo brasileiro pela atitude. Na Gazeta de Notícias encontramos saudações da comunidade polaca do Rio de Janeiro, também vemos o Comitê Nacional Polaco, de São Paulo afirmando que a comunidade polaca estava profundamente emocionada pelo nobre ato do Brasil. Na mesma edição lemos o telegrama da União das Organizações Polacas pró-independência, de Curitiba, dizendo que os filhos da Polônia no Paraná “gritam entusiasticamente: Viva a República Brasileira! Viva a Polônia independente e unida” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 22 de agosto de 1918, p.5). O Correio da Manhã também registra telegramas de Curitiba e de Pelotas ao Presidente da República, onde podemos ler que os filhos da Polônia: “confraternizam com o Brasil pelo seu rasgo de justiça com a Polônia oprimida. Viva o Brasil! Viva a

Polônia independente!". (CORREIO DA MANHÃ, 26 de agosto de 1918, p.1).

Até jornais polacos fora do Brasil repercutiram a posição brasileira. O Dziennik Zwiazkiwy, publicado em Chicago, em 22 de agosto de 1918, fez uma homenagem ao Brasil, publicando um desenho representando Nilo Peçanha, com uma bandeira do Brasil na mão esquerda e, na mão direita, um trecho da nota reconhecendo a independência da Polônia. O texto estava escrito em polonês, mas o Semanário carioca Fon Fon transcreveu: "*Uma das principais condições de paz será uma Polônia unida, livre e autônoma. Sem combinações suspeitas, vamos para um caminho reto para um Polônia independente*" (FON FON, ed. 49, 07 de dezembro de 1918, p.37).

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, a Polônia passaria a comemorar o dia 11 de novembro como dia da reconquista da Independência, data essa que segue sendo celebrada aqui no Brasil pelas comunidades de descendentes de poloneses.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou atingir seu objetivo geral (*resgatar a atuação da comunidade polono-brasileira durante a Primeira Guerra Mundial, quando foi vislumbrada a possibilidade de retomada da autonomia da Polônia como nação*) ao encontrar e analisar fontes históricas que registraram a atuação da comunidade polonesa no Brasil durante a Primeira Guerra Mundial, com foco na reconquista da independência da Polônia.

Considerando o primeiro objetivo específico do presente trabalho (*registrar os posicionamentos dos imigrantes poloneses quanto ao apoio às nações que combatiam na Primeira Guerra, visando obter a garantia da independência polonesa*), pudemos resgatar o embate inicial, no qual os imigrantes no Brasil se dividiram entre apoiar os Impérios Centrais (o que significaria ficar ao lado da Alemanha) ou apoiar a Tríplice Entente (que corresponderia a ficar ao lado da Rússia). Resgatamos neste trabalho o processo de desinformação, ofensas e agressões no qual os imigrantes se envolveram neste primeiro momento da Guerra, visto que apoiar qualquer um dos dois lados consistia em apoiar um dos países que dominavam a Polônia. Mostramos também como, após os eventos que colocaram o Brasil em oposição à Alemanha, a comunidade polonesa no Brasil acabou se unificando no apoio à Tríplice Entente.

Buscando atingir o segundo objetivo específico (*elencar as ações tomadas pela comunidade polono-brasileira para dar suporte material e humano ao processo de independência da Polônia*), o presente trabalho registrou a formação das sociedades que defendiam a Polônia independente, a realização de festas e coletas para levantar recursos financeiros visando apoiar os exércitos que lutavam pela Polônia e também dar suporte aos poloneses atingidos pela guerra, a sensibilização exercida pela comunidade polonesa sobre as autoridades brasileiras e, por fim, a formação dos contingentes de voluntários, nos quais imigrantes poloneses e seus filhos, residentes no Brasil, acabaram viajando para a Europa e participando dos conflitos, como soldados

do exército que lutou pela retomada da Polônia.

Por fim, o terceiro objetivo específico (*indicar, via referencial bibliográfico, as principais fontes da época que registraram a ação da comunidade de imigrantes na luta pela Polônia restituída*) foi realizado ao longo de todo o trabalho, levantando os principais autores que já trataram deste tema, mas principalmente resgatando os periódicos que cobriram esses momentos históricos. Essas fontes estão referenciadas ao longo do trabalho e estão claramente destacadas nas próximas páginas, no item Referências Bibliográficas. Acreditamos que o grande acervo de material bibliográfico levantado por esse trabalho, em especial a pesquisa feita em jornais e periódicos, fornecerá uma base de dados relevante para pesquisas futuras e poderá dar suporte a novos trabalhos acadêmicos.

Entendemos que o tema aqui discutido ainda não foi exaustivamente explorado, seja no presente trabalho ou na academia de forma geral. Sendo assim, abrem-se novas oportunidades de questões a explorar em pesquisas futuras. Podemos citar o processo de polarização e contrainformação que ocorreu entre a comunidade polonesa, que poderia ser melhor detalhado em uma pesquisa específica, comparando com o momento atual do mundo em que polarização, contrainformação e nacionalismos exacerbados parecem querer reescrever a história.

Outro tema que abre inúmeras possibilidades de pesquisas é a formação dos batalhões de voluntários. Quem foram esses soldados voluntários que partiram do Brasil para defender a Polônia? O que aconteceu com eles? Seus descendentes guardam memórias, relatos ou objetos dos campos de batalha? A Polônia conhece (e reconhece) a história destes imigrantes? Cada um destes questionamentos mereceria um estudo específico.

Enfim, é impossível esgotar um assunto tão amplo em poucas páginas de pesquisa, mas, ao mesmo tempo, entendemos que cada trabalho feito traz mais luz à história, e que o resgate e a discussão aqui apresentados são uma singela contribuição à memória destes imigrantes que sonharam ver sua nação livre, autônoma e soberana.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

A FEDERAÇÃO. *Grande festival de arte e caridade pró-Polônia*. Porto Alegre, 22 de abril de 1916.

A FEDERAÇÃO. *Protesto*. Porto Alegre, 02 de dezembro de 1916.

A FEDERAÇÃO. *Um Festival pró-Polônia*. Porto Alegre, 22 de abril de 1916.

A REPÚBLICA. *A colônia polaca não se germaniza*. Curitiba, 30 de abril de 1917

A REPÚBLICA. *A Ressurreição da Polônia*. Curitiba, 17 de outubro de 1917

A REPÚBLICA. *Brasil-Alemanha – Grande comício de ontem*. Curitiba, 16 de abril de 1917

A REPÚBLICA. *Em prol da independência da Polônia*. Curitiba, 10 de outubro de 1914

A REPÚBLICA. *Lux in Tenebris*. Curitiba, 08 de maio de 1917.

A REPÚBLICA. *Manifestação Polaca*. Curitiba, 03 de maio de 1917.

A REPÚBLICA. *Os polacos e a guerra*. Curitiba, 24 de outubro de 1916.

A REPÚBLICA. *Os voluntários poloneses*. Curitiba, 21 de janeiro de 1918.

A REPÚBLICA. *Relato da recepção ao jornalista Ludwik Wlodek no Klub Polski*. Curitiba, 10 de janeiro de 1908.

A RUA. *Para o front dos aliados*. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1918.

BISKUPSKI, Mieczysław. *Independence Day: Myth, Symbol, and the Creation of Modern Poland*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CHMIELEWSKI, Miguel. *A Missão Polaca ou o Tenente Henrique Abczyński e o jornalista Casimiro Warchalowski no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Oficinas Graphics d'A Federação, 1918.

CHMIELEWSKI, Miguel. *A Solidariedade dos Polacos com o Brasil* in A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 27 de abril de 1917.

CORREIO DA MANHÃ. *Os polacos no Brasil telegrapham ao presidente da República*. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1918.

CORREIO DO POVO. *Bandeira Polaca*. Porto Alegre, 10 de abril de 1918.

CORREIO DO POVO. *Os que regressaram da guerra. Porto Alegre, 14 de dezembro de 1919.*

CORREIO DO POVO. *Os que regressaram da guerra. Porto Alegre, 15 de julho de 1920.*

CORREIO PAULISTANO. *O exército polaco. São Paulo, 23 de julho de 1917.*

CORREIO PAULISTANO. *Relato da visita do tenente Abczyński. São Paulo, 03 de outubro de 1917.*

DARÓZ, Carlos. *O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia. São Paulo: Editora Contexto, 2016.*

DIÁRIO DA TARDE. *A Polônia. Curitiba, 19 de setembro de 1914.*

DIÁRIO DA TARDE. *Imprensa suspeita. Curitiba, 15 de agosto de 1918.*

DIÁRIO DA TARDE. *Os voluntários polacos. Curitiba, 29 de março de 1918.*

DIÁRIO DA TARDE. *Os voluntários polacos – Interessante palestra sobre a viagem do primeiro contingente. Curitiba, 23 de junho de 1920.*

GAZETA DE NOTÍCIAS. *Os polacos e o Itamaraty. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1918.*

GAZETA DE NOTÍCIAS. *Os voluntários polacos seguiram no Malte. Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1918.*

GAZETA POLSKA W BRAZYLI. *Carta à Redação. Curitiba, 28 de julho de 1915.*

GAZETA POLSKA W BRAZYLI. *Snazowna Redakcyo! Curitiba, 04 de novembro de 1914.*

GLUCHOWSKI, Kazmierz. *Os poloneses no Brasil – Subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Porto Alegre: Rodycz&Ordakowski, 2005.*

GRONIEWSKI, Krzysztof. *Gorączka brazylijska in Kwartalnik Historyczny, Tomo 74, Vol. 2. Warszawa, 1967.*

JORNAL DO BRASIL. *Os voluntários polacos do Paraná vão para as linhas de frente. Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1918*

JORNAL DO COMMERCIO. *Consagração da bandeira polaca. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1917.*

JORNAL DO COMMERCIO. *Notícia sobre a colônia polaca de Curitiba. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1910.*

JORNAL DO COMMERCIO. *Transcrição do texto Paraná. Rio de Janeiro, 20 de março de 1912.*

KACZMAREK, Aniela. *Emigracja polska w Brazylii. 100 lat osadnictwa. Varsóvia:*

1971.

KAMINSKI, Vladislau. *Dois Aniversários – História da Polônia in Diário da Tarde*. Curitiba, 1906.

MALCZEWSKI, Zdzislaw. *A comunidade polônica brasileira e a questão da independência da Polônia: O exemplo do engajamento patriótico da coletividade polonesa no Rio de Janeiro in Polonicus*, Ano IX. Curitiba: 2018.

MALCZEWSKI, Zdzislaw. *Comemoração da independência da Polônia em Curitiba in Polonicus*, Ano IV. Curitiba: 2013.

MALCZEWSKI, Zdzislaw; SIUDA-AMBROZIAK, Renata. *Tributo dos poloneses à Águia de Haia no 90º aniversário da morte de Rui Barbosa*. Curitiba: 2013.

MALIKOSKI, Adriano. *Escolas étnicas dos imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul (1875-1939)*. Caxias do Sul, 2014.

MÁSCARA. *Outros aspectos dos voluntários polacos que foram defender a causa dos aliados*. Ano 1. Nº 10. Porto Alegre, 1918.

MAZUREK, Jerzy. *A Polônia e seus emigrados na América Latina (até 1939)*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

MAZUREK, Jerzy. *O Brasil e a Independência da Polônia em 1918 in Revista del Cesla*, nº 20. Varsóvia: 2017.

O IMPARCIAL. *Os polacos, residentes no Paraná, querem ir para a guerra*. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1917.

O IMPARCIAL. *Pela Polônia livre*. Rio de Janeiro, 31 de março de 1918.

PEÇANHA, Nilo. *Relatório apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1920.

REVISTA DA SEMANA. *A bandeira da Polônia ressuscitada é desfraldada no Brasil*. Rio de Janeiro, 07 de setembro de 1917.

REVISTA DA SEMANA. *A partida para a guerra de um contingente de voluntários polacos*. Rio de Janeiro, 06 de abril de 1918.

SEMANÁRIO FON FON. *A Polônia, a Rússia e os Impérios Centrais*. Ed. 28. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1917.

SEMANÁRIO FON FON. *O Brasil na Guerra*. Ed. 49. Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1918.

SCHILLING, Voltaire. *Polônia: a luta pela liberdade* In Cadernos de História. Porto Alegre: Memorial do RS, 2004)

SKIBA, Jakub. *Historia Polski i Brazylii* In Magazyn Historyczny Mówią Wieki, n.2. Warszawa: 2021.

SMOLANA, Krzysztof; Barys, Dorota. *Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba: 90 anos de história do mais antigo consulado polonês na América Latina*. Curitiba: 2010.

SOUZA, Gerson C. *O Imortal Coronel Bodziak*. Curitiba: 2016.

SZCZERBIŃSKI, Marek. *A cultura física polônica no Brasil nos anos 1897-1939* in Polonicus revista de reflexão Brasil-Polônia, Ano 4, n.7-8, Curitiba: 2013.

TRINDADE, Rhuan T. Z; MALIKOSKI, Adriano. *Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul e a I Guerra Mundial: as divisões na colônia polonesa através do relatório "A Missão Polaca"* in Revista de História Regional. Ponta Grossa: 2018.

TRZEBIATOWSKI, Estanislau. *Carta à redação* in A República. Curitiba, 24 de abril de 1917.

VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: IHGB, 1990.

WACHOWICZ, Ruy C. *As Escolas da Colonização Polonesa no Brasil*. Curitiba: Champagnat, 2002.

WARCZALOWSKI, Casimiro. *A Colônia Polaca in A República*. Curitiba, 28 de abril de 1917.

WENCZENOVICZ, Thaís J. *Cultura, identidade(s) e memória na imigração polonesa no Rio Grande do Sul*. Revista História: Debates e Tendências, vol. 20, núm. 3. Universidade de Passo Fundo: 2020.